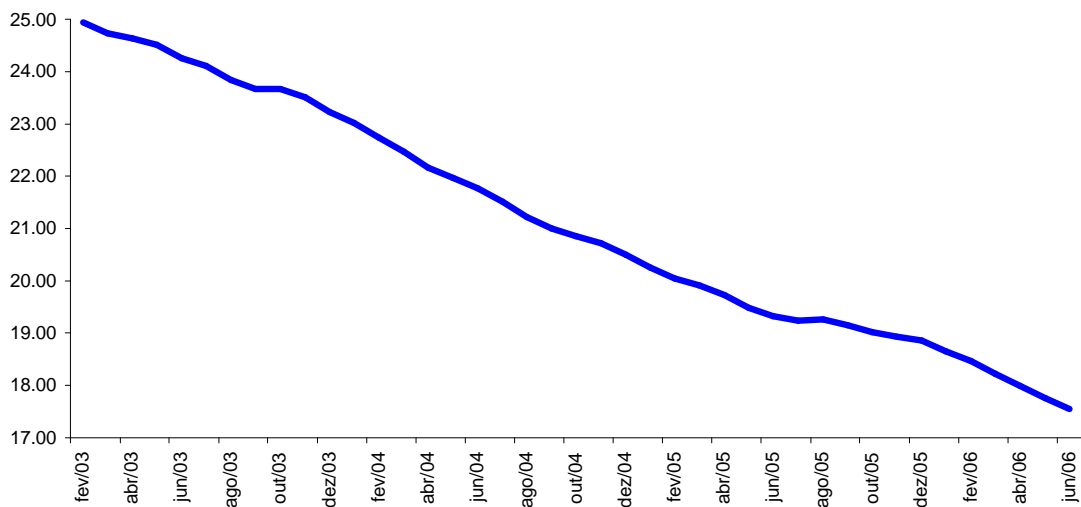


BH na frente

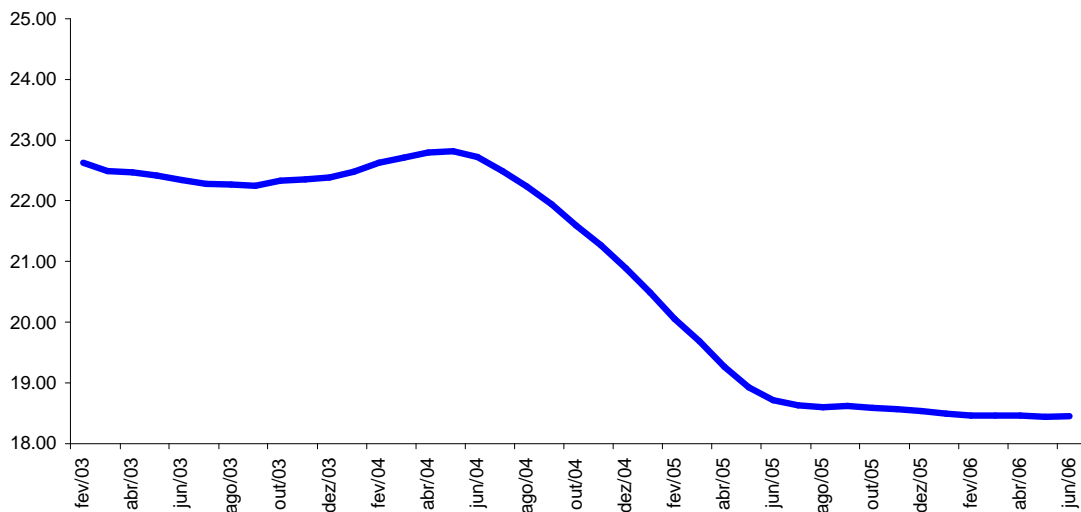
A renda dos trabalhadores da região metropolitana de Belo Horizonte aumentou 22% entre junho de 2002 e junho deste ano. Foi o maior crescimento entre as seis maiores regiões metropolitanas do país, segundo uma pesquisa inédita do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, que será divulgada nos próximos dias. A taxa de miséria caiu 37%. Como estamos em plena campanha, o PT (que detém a prefeitura de Belo Horizonte) e o PSDB (que governa o estado) vão brigar pelos créditos dessa marca.

Evolução da Miséria – Média Móvel de 12 Meses

Belo Horizonte



Todas as Regiões



Fonte: CPS/FGV a partir dos microdados da PME/IBGE

Renda em BH sobe 22,5% em 4 anos

*Alta no rendimento per capita do trabalhador na capital mineira
foi quatro vezes maior que a média do país*

Nos últimos quatro anos, Belo Horizonte registrou a maior alta do país na renda per capita dos trabalhadores, com crescimento de 22,5%, passando de R\$ 320,55, em junho de 2002, para R\$ 392,56, em junho de 2006. O desempenho é quatro vezes melhor do que a média nacional, que foi de 5,5%. Os dados são da Fundação Getúlio Vargas. **PÁGINA A11**

Renda de BH é a que mais cresce no Brasil

Rendimento do trabalhador tem alta de 22,5% em quatro anos; o salto é quatro vezes maior que a média nacional

QUEILA ARIADNE

Os belo-horizontinos levam vantagem com relação ao resto dos brasileiros: indicadores econômicos de indústria, comércio e renda estão acima da média nacional. Uma pesquisa divulgada ontem pela Fundação Getúlio Vargas mostra que nos últimos quatro anos a capital de Minas registrou o melhor desempenho na renda per capita dos trabalhadores, com crescimento de 22,5% de junho de 2002 a junho de 2006. O desempenho é quatro vezes melhor do que a média nacional, de 5,5%.

Nesses quatro anos, a renda real média do belo-horizontino passou de R\$ 320,55 para R\$ 392,56, ultrapassando a do Rio de Janeiro. Num recorte da renda da classe mediana, que divide os 50% mais ricos dos 50% mais pobres, Belo Horizonte também aparece como campeão, com uma evolução 39,6%. A alta é praticamente o dobro da média do segundo colocado, o Rio de Janeiro, onde a ren-

da dessa faixa cresceu 19,5%.

De acordo com o chefe do Centro de Políticas Sociais (CPS) da FGV, professor Marcelo Neri, a capital mineira é destaque porque conseguiu melhorar os índices mesmo em períodos em que as outras capitais estavam em declínio. "Mesmo de 2002 para 2003, quando a renda caiu em todas as capitais, ela cresceu em Belo Horizonte", ressalta Neri.

Segundo o professor, o crescimento da capital de Minas pode ser considerado mais sólido porque está totalmente vinculado a valorização da renda. "A linha crescente dessa evolução mostra que a melhora está desvinculada de programas sociais, de transferência de renda, o que aponta para um futuro mais sustentável", justifica.

"Nos dois últimos anos, em 2005 e 2006, quando ocorreram fortes reajustes dos salários mínimos, o resultado tem sido um pouco decepcionante. Os indicadores de pobreza e

desigualdade baseados em renda do trabalho não sofreram as reduções que se observava no passado”, afirma o chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV, Marcelo Neri.

Destaque

Outras pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) mostram que, de janeiro a junho deste ano, o ritmo de produção da indústria mineira cresceu duas vezes mais do que a média brasileira, com alta de 4,6% versus aumento de 2,6% no país. O comércio também superou os números do Brasil, com crescimento de 8,25% no primeiro semestre, 45% maior do que a incremento nacional, de 5,68%.

Na avaliação do economista da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), Sérgio Birchal, o destaque mineiro pode ser explicado por um círculo virtuoso. “A indústria, que é o carro chefe da economia, produz num ritmo bem mais intenso do

que o do Brasil, isso estimula a geração de emprego e reflete no aumento da renda, o que consequentemente acelera as vendas do comércio”, analisa Birchal.

A pesquisa “Redistribuição à brasileira: ingredientes trabalhistas” foi feita com base em dados da pesquisa de emprego e renda do IBGE das seis principais regiões metropolitanas do Brasil: Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e Recife. De acordo com o levantamento, de 2002 para 2006 a renda média do trabalhador da RMBH passou de R\$ 153,22 para R\$ 213,89.

Embora não seja o maior, Belo Horizonte apresentou o maior salto. A renda média mais alta registrada em junho de 2006 foi a de São Paulo, com R\$ 260,33. Mas de 2002 para cá o crescimento neste Estado foi de 12,95%. A capital mineira também apresentou o melhor desempenho na redução da miséria, com queda de 37,69% de 2002 a 2006.

Queda na desigualdade perde força em 2006

RIO DE JANEIRO – A queda da desigualdade na renda do trabalho perdeu ritmo em 2005 e 2006, apesar dos ganhos reais do salário-mínimo nos dois anos. A conclusão é de um trabalho do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV). O estudo mostra que houve forte avanço na distribuição de renda no País entre março de 2002 e junho de 2006. Esse aumento ficou concentrado, contudo, no primeiro semestre de 2004, período em que não houve ganho real do mínimo.

De forma geral, explica o estudo, efeitos negativos do aumento do mínimo, como desemprego e aumento da informalidade, estão anulando consequências positivas do reajuste. O trabalho leva em conta dados da Pesquisa Mensal do Emprego (PME) do IBGE, que abrange as seis principais regiões metropolitanas brasileiras. A FGV calculou que a parcela da renda do trabalho apropriada pelos 50% mais pobres subiu de 10,1%, em março de 2002, para 11,62%, em julho de 2004, e para 12,20% em junho de 2006.

“O ano de 2004 é muito importante para a redução da desigualdade a partir da renda do trabalho, um ano chinês para os pobres brasileiros”, afirma o organizador do estudo Marcelo Neri. Nesse ano, aumentaram a taxa de participação de pessoal ocupado, as chances de conseguir emprego e o salário-hora e a economia cresceu 4,9%. (Agência Estado)

Salário sobem mais em ano eleitoral

RIO DE JANEIRO – A renda mediana do trabalhador brasileiro cresce 12% em anos eleitorais, mas a alegria dura pouco e no ano seguinte a queda é de 11,9%. É o que mostra um levantamento com base no período de 1982 a 2002. "O problema é que depois da eleições vem a conta e a ressaca", afirma o chefe do Centro da FGV, Marcelo Néri. Para ele, o Brasil ainda é uma "democracia jovem", sujeita a "políticas oportunistas de aquecer a economia antes das eleições para gerar um resultado favorável".

"Uma boa notícia é que isso tem se tornado menos forte nas últimas duas ou três eleições. Mas nas primeiras eleições, de 1982 e 1986 (para governador) e mesmo 1989 (para presidente), isso foi mais marcado, mas ainda persiste", afirma o economista. (Agência Estado)

EM ALTA

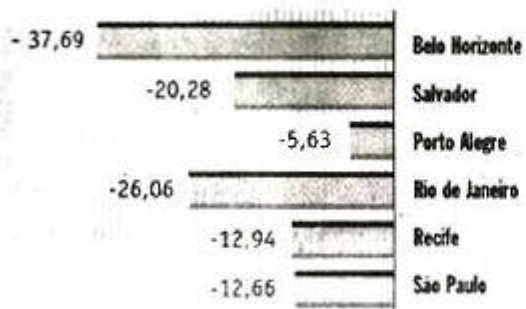
Distribuição da Renda

Renda média dos trabalhadores (R\$)

Regiões	jun/02	jun/03	jun/04	jun/05	jun/06	variação de 02/06 (%)
Belo Horizonte	153,22	151,29	169,92	188,21	213,89	39,6
Salvador	127,72	105,94	121,02	137,55	144,50	13,14
Porto Alegre	213,56	187,92	214,99	219,76	231,01	8,7
Rio de Janeiro	173,94	179,60	179,46	190,60	197,11	13,32
Recife	100,65	83,19	70,06	110,31	120,21	19,49
São Paulo	230,49	213,21	230,44	238,23	260,33	12,95

Índice de Miséria

Variação de jun 02/06 (%)



FONTE: FGV



Renda sobe 12,1% na eleição e cai 11,9% no ano seguinte

Pesquisa mostra que efeito gangorra anula crescimento dos ganhos do trabalhador

A renda dos brasileiros cresce até 12,1% em anos eleitorais. Mas a alegria dura pouco: nos anos seguintes ao pleito, há uma queda média de 11,9%, o que deixa um aumento consolidado de apenas 0,2% para os eleitores. É isso que mostra o estudo "Re-

distribuição à brasileira: ingredientes trabalhistas", do economista Marcelo Neri, divulgado ontem pelo Centro de Políticas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Os cálculos incluem os dados de renda da população brasileira desde 1982. Ficou de

fora, entretanto, o ano de 1994, quando o IBGE deixou de fazer sua Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar (Pnad). Entre junho de 2002 e junho de 2006, a renda média do brasileiro cresceu 5,48%. BH foi a capital com o melhor índice, 22,46%.

• Levantamento da consultoria Econômica revela que o lucro de 180 empresas de capital aberto (excluídos os bancos) triplicou no governo Lula: R\$ 213,97 bilhões, contra R\$ 71,58 bilhões no segundo mandato de FHC.

PÁGINA 17



■ DISTRIBUIÇÃO DE RENDA MELHORA A PARTIR DE 2000

A pesquisa consolidou ainda a imagem de que as crianças são o grupo mais desfavorecido da sociedade – os brasileiros com até 15 anos de idade têm a menor renda domiciliar per capita média no Brasil. Além disso, os serviços públicos de água encanada chegam a 55% delas, contra 64% do restante da população e o de esgoto alcançam 78% das crianças, contra 84% das outras faixas etárias. Já no caso da coleta de lixo, a proporção é de 66% contra 73%. Os programas voltados para esse público, como merenda escolar, Bolsa-Família, vacinação, entre outros, deveriam estar no topo das prioridades nacionais, segundo Neri. Ele chega a propor a introdução do voto das crianças (representadas no ato pelas suas mães), como solução para aumentar o poder de barganha dos interesses infantis na definição das prioridades nacionais. "O problema, no caso das crianças, é que elas estão excluídas do mercado eleitoral", completa.

No capítulo que aborda a distribuição de renda propriamente dita, a pesquisa mostra que, entre junho de 2002 e junho de 2006, portanto, a participação dos mais pobres cresceu. A metade da população que, em junho de 2002, respondia por 9,95% do total da renda do País passou a responder por 12,20%. Na outra ponta, os 10% mais ricos, que respondiam por 50,2% da renda nacional no sexto mês de 2002, passaram a responder por 46,89% em junho deste ano. Os outros 40%, a chamada "classe média", manteve-se praticamente estagnada, passando de 39,78% de participação para 40,91%.

Segundo Neri, a década atual vai entrar para a história com a marca da distribuição de renda no País, assim como a década de 90 foi celebrizada pelo controle da inflação e a universalização do ensino público. Em quatro anos, a média da renda dos brasileiros aumentou 5,48%, passando de R\$ 393,47 para R\$ 415,04. A região metropolitana de Belo Horizonte foi a que apresentou o maior aumento no período, de 22,46% (a média de renda do trabalho passou de R\$ 320,55 em junho de 2002 para R\$ 392,56 no sexto mês deste ano). O crescimento verificado em BH é mais que o dobro da Grande Recife, que veio na segunda posição, com 9,85% de alta. Em São Paulo, o índice foi de 8%.

Sete milhões de pessoas sobem para classe média

Com reação de emprego e salário,
consumo cresce R\$ 31 bilhões

• Mais de dois milhões de famílias brasileiras ascenderam na pirâmide do consumo este ano e chegaram à classe média, diz pesquisa do Instituto Target com base em dados do IBGE. Isso representa em relação a 2005 um acréscimo de 7,9%, ou cerca de sete milhões de pessoas, e um consumo R\$ 31,19 bilhões maior. Levantamentos do LatinPanel, ligado ao Ibope, e da Fundação Getulio Vargas também mostram a expansão dos setores intermediários da população. Segundo especialistas, esse fenômeno é explicado pelo crescimento do emprego com carteira assinada, pela reação dos salários e pelo aumento da oferta de crédito no país. Setores voltados para essa faixa de renda, como turismo, planos de previdência privada, carros e casa própria, também estão crescendo. **Páginas 33 e 34**

Mais gente no meio da pirâmide

Classe média tem mais 7 milhões de pessoas no país com reação do emprego e salário

Cássia Almeida

Mais de dois milhões de famílias brasileiras conseguiram ascender na pirâmide do consumo este ano e chegaram à classe média, o que representa cerca de sete milhões de pessoas. O segmento voltou a crescer, depois de amargar anos seguidos de empobrecimento com a estagnação ou o fraco crescimento econômico do país a partir da década de 80. Emprego com carteira assinada em expansão recorde — foram geradas 1.251.557 vagas formais no último ano — crédito farto e renda do trabalhador reagindo (em maio a alta ficou em 7,7%, a maior desde 2002) são as explicações para a faixa intermediária na escala do consumo ressurgir nas estatísticas.

Indicadores do mercado de trabalho e pesquisas de consumo atestam esse avanço. O Instituto de Pesquisa Target, que anualmente acompanha o potencial de consumo de cada classe com base nas pesquisas do IBGE e da Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa de Mercado (Abep), constatou ainda que a parcela das famílias que ganham entre R\$ 1.140 e R\$ 3.750 já correspondem a 66,7% do total este ano, fatia bem superior à registrada em 2001, que fora de 60,7%.

Com mais dois milhões de casas na classe média, o que representa um acréscimo de 7,9% de 2005 para 2006, o consumo dessa parcela da população subirá em R\$ 31,19 bilhões este ano, nas projeções da Target. Um avanço de 4,5%.

— Há um claro movimento de ascensão social. Os domicílios da

classe D (renda familiar de R\$ 570) subiram na pirâmide. Compraram mais bens duráveis e, como na classificação leva-se em conta também a posse desses bens, houve o avanço para a classe média — constatou o diretor da Target, Marcos Pazzini.

Além disso, o diretor diz que este ano houve aumento no número de domicílios mais concentrado nas classes intermediárias. Ou seja, mais famílias nesse segmento se formaram no país. Segundo as pesquisas do instituto, a migração também está se dando da classe C para as B1 e B2.

Gastos maiores com supérfluos e marcas

• No mercado de trabalho, o fenômeno se repete. A renda total apropriada pelos 40% intermediários (estão entre os 50% mais pobres e os 10% mais ricos) subiu de 40,7% em outubro de 2004 para 41,7% no mesmo mês do ano passado. O economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostra ainda outro número: a renda domiciliar *per capita*, descontada a inflação, subiu 14% em outubro de 2005 na comparação anual.

— Os símbolos da classe média, que são o emprego com carteira assinada, o acesso a crédito e a faculdade, estão em expansão. O emprego formal dá segurança para consumir — diz Neri.

Na avaliação do economista, esse crescimento na participação veio para ficar, principalmente em relação ao emprego com carteira.

— As empresas estão confiantes,



A SUPERVISORA Denise Uchôa comprou o primeiro carro e investiu em cursos

pois há custo na contratação. Por esse lado, a expansão parece sustentável. Quanto ao crédito, o avanço pode ser menor, mas deve continuar. No início do Real houve um pico de crédito. Desta vez, parece mais uma rampa.

Essa confiança tomou conta da família de Denise Uchôa, advogada e supervisora de pessoal. Há seis meses comprou o primeiro carro: um

Siena 2004, à vista. Para completar o valor do veículo recorreu ao crédito consignado. Espera ansiosa receber os 10% de aumento dados no mês passado. A fábrica de lustres do marido também vai ganhando mercado, o que lhe permite investir em cursos para ela e o filho Thiago, de 10 anos:

— Fiz cursos para a prova da OAB e meu filho está matriculado no inglês.

Estou confiante de que as coisas vão continuar melhorando. A folga na renda está me permitindo estudar mais.

Outro instituto de pesquisa, o LatinPanel, ligado ao Ibope, também viu crescer a fatia da classe C, a faixa intermediária da sua classificação (considera o consumo de famílias que ganham de quatro a dez salários-mínimos). Na média de 2005, esses domicílios representavam 33% do consumo total no país. Em abril deste ano, a faixa subiu para 38%.

— É uma classe que sofreu muito com o congelamento da tabela do Imposto de Renda e a alta das tarifas públicas. Por isso, vinha enxugando seu orçamento. É uma população ávida por consumir — explicou Fátima Merlin, gerente de Atendimento ao Varejo do LatinPanel.

Endividamento empurra o consumo

• Nas pesquisas domiciliares, o LatinPanel constatou ainda um gasto maior com marcas líderes, supérfluos, comidas prontas e produtos mais sofisticados de higiene e limpeza. Enquanto a despesa média da população aumentou 3%, na classe média a alta foi de 5%:

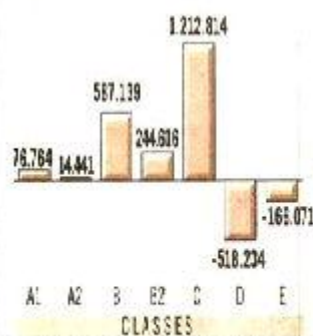
— Mas é consumo muito amparado no crédito. É a fatia mais endividada. Os gastos médios das famílias ultrapassam em 3% a renda. Na classe C, essa margem sobe para 8% — alerta Fátima. ■

• MAIS VIAGENS, PREVIDÊNCIA PRIVADA E CARROS NOS GASTOS DA CLASSE MÉDIA, na página 34

As mudanças no perfil da população brasileira

EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE DOMICÍLIOS URBANOS

(De 2005 para 2006)



Quais são as classes intermediárias?

Considera-se classe média quem está no meio da pirâmide de consumo: classes B1, B2 e C

Aumento da classe média de 2005 para 2006:

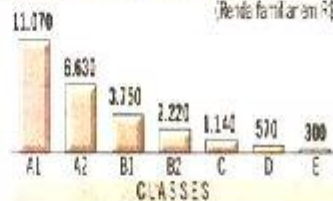
mais 2.044.566 domicílios, uma alta de 7,9%

O AVANÇO DA CLASSE INTERMEDIÁRIA POR PARTICIPAÇÃO NO CONSUMO

	1991	2001	2005
Classe A	23,2%	23,6%	23,6%
Classe B	41,2%	34,6%	39,1%
Classe C	23,8%	28,2%	27,3%
Classe D	9,9%	13,3%	9,5%
Classe E	1,9%	2,3%	0,5%

O PERFIL DE CADA FAIXA DE CONSUMO

(Renda familiar em R\$)



Que perfil é esse? Para a composição do perfil das classes, usa-se também o número de bens duráveis (TV em cores, rádio, carro, aspirador, máquina de lavar, videocassete, geladeira e freezer). Na análise leva-se em conta ainda se há empregada doméstica na casa e o nível de escolaridade do chefe da família.

Parcela da renda apropriada do trabalho

(Quanto que parcelas da população detêm da renda total)

Período	90% mais pobres	40% intermediários	10% mais ricos
Q.4/2004	12%	40,74%	47,27%
Q.4/2005	12,24%	41,45%	46,31%

Avanço da renda dos intermediários

(Renda média domiciliar per capita dos 40% intermediários em valores de outubro de 2005)

Período	Renda	Variação
Q.4/2004	R\$ 349,79	1,75%
Q.4/2005	R\$ 400,27	14%

Fontes: Instituto Target e Fundação Getúlio Vargas, com base nos dados da Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE

ENTRE RICOS E POBRES: *Cerca de 65 milhões de brasileiros fazem turismo*

Mais viagens, previdência privada e carros nos gastos da classe média

Na produção de automóveis, recorde deve ser batido no próximo ano

Cássia Almeida

- Com o crescimento da classe média, os setores que vendem produtos dirigidos para essa faixa de renda comemoram expansão recorde este ano. Viagens, planos individuais de previdência privada, carros e casa própria estão em alta no mercado. Segundo o diretor de Estudos e Pesquisas da Embratur, José Francisco de Salles Lopes, mudou o perfil do turista brasileiro. Além de mais pessoas estarem viajando, o ônibus de linha e a casa de parentes têm dado espaço para o carro e para os hotéis e pousadas.

— Quase 40% da população urbana brasileira estão viajando. Em 2002, eram 36%. São 65 milhões de brasileiros fazendo turismo. As viagens internacionais dobraram no período. Além do dólar mais favorável, o aumento da renda provocou esse avanço — disse Lopes.

Na venda de planos de previdência privada, a velocidade da alta está em 40% ao ano. De janeiro a abril, aumentou em 23,18% a receita com esses planos, que deve fechar 2006 com crescimento superior a 30%, na projeção do presidente da Associação Nacional de Previdência Privada (Anapp), Osvaldo Nascimento. Reformas na Previdência Social, aumento da longevidade e renda maior do trabalhador explicam a procura pelos planos de previdência, diz o executivo:

— Precisa haver sobra no orçamento para esse produto ganhar espaço. E esse avanço deve continuar. Está se criando no país a disciplina de poupar — disse ele.



ANDRÉ RANGEL: todos da sua família têm plano de previdência privada

'Os brasileiros começam a ter cultura financeira'

Quem mais procura o produto ganha em média R\$ 3.500, tem entre 34 e 55 anos, e as mulheres respondem por quase a metade dos planos. Na casa do publicitário André Rangel Galhardo, cada membro da família tem seu plano de previdência. O filho menor, de 1 ano, ganhou o seu recentemente, com direito a seguro de vida em caso de morte dos pais.

— Os brasileiros começam a ter cultura financeira, a planejar seu orçamento e futuro.

As estatísticas de licenciamento de carros são outros indicadores de que as finanças estão melhorando para a classe média. A alta até junho chegou a 7,6%, uma expansão que se mantém desde 2003. Segundo estimativas da Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), em 2007 o Brasil deve bater o recorde histórico de 1997, quando a produção atingiu 1,9 milhão de unidades.

E mais da metade da produção é de carro mil, a outra



metade, até 2.000 cilindradas, opções da classe média. Somente 0,6% é de carros de luxo. Por trás do avanço, inflação controlada e novamente o aumento da renda e as facilidades de crédito.

Por fim, a casa própria, o grande sonho da classe média. Os financiamentos habitacionais explodiram. Desde 2003 vêm crescendo, mas ganharam mais espaço este ano. Segundo o presidente da Associação Brasileira de Entidades de Crédito Imobiliário e Poupança (Abecip), Natalino Ga-

zonato, o valor dos financiamentos em torno de R\$ 80 mil indica que a classe média baixa e a média começam a concretizar o desejo de um teto.

— Até as construtoras começaram a deixar de lançar grandes condomínios, com apartamentos no valor de R\$ 500 mil e R\$ 600 mil. Estão vendo que é um grande filão.

Mudança na legislação, protegendo mais o financiador, e pressão do Banco Central para que os bancos usem mais os recursos da poupança na habitação ajudaram no avanço.

Mas a socióloga Elisabete Dória Bilac, do Núcleo de Estudos Populacionais da Unicamp, teme que esse avanço da classe média, medido no consumo, seja transitório:

— O país ficou estagnado décadas. Agora, com o pequeno crescimento recente, houve esse avanço. Vamos ter que esperar para ver se vai permanecer. ■

• O FORTE CRESCIMENTO DA OFERTA DE CRÉDITO PARA A COMPRA DA CASA PRÓPRIA, no caderno *Morar Bem*

Avanço com crise nas metrópoles

• O crescimento da classe média é inegável, inclusive atestado pelas Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (Pnads), do IBGE, mas o motivo da expansão muda, conforme se traça um contorno geográfico. André Urani, professor da UFRJ e diretor do Instituto de Estudos de Trabalho e Sociedade (Iets), debruçou-se sobre os números da divisão da renda e constatou: a redução significativa da indigência e da pobreza engrossou a parcela da classe média baixa no Brasil como um todo.

Mas o mesmo não aconteceu quando se olha apenas o Brasil metropolitano. Nos grandes centros, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, a classe média mais baixa engrossou com a perda de renda das camadas superiores:

— O crescimento não foi virtuoso como no resto do país. Veio do achatamento de classes mais altas — disse Urani.

O papel de motor do desenvolvimento assumido nos anos 80 pelas regiões metropolitanas foi abandonado:

— A locomotiva emperrou. Reduziu pouco a pobreza e a crise é estrutural.

A melhoria no mercado de trabalho nas metrópoles, detectada pela Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do IBGE, não mudará essa situação:

— Rio e São Paulo são pacientes terminais. Pequenas melhoras não vão alterar esse quadro de degradação — disse Urani. (*Cássia Almeida*)

Vídeo

Redistribuição Trabalhista Recente



Redistribuição Trabalhista Recente

A questão aqui endereçada é como melhorar o monitoramento das condições de vida da nossa população através do aumento da velocidade de difusão da informação. Como avaliar o desempenho social se hoje dispomos apenas dos dados da PNAD datados do começo de outubro de 2004, ou seja estamos quase dois anos defasados em relação ao conhecimento dos fatos ocorridos. O aumento de velocidade é o requisito necessário para que se possa traçar um sistema de avaliação de metas sociais operativo. Propomos aqui lançar mão do processamento dos microdados da Pesquisa Mensal do Emprego pela sua agilidade o que nos permite diminuir a defasagem para menos de três meses.

Tradicionalmente as instituições usam dados da PME a nível individual, e não domiciliar, em particular, indicadores secundários gerados pelo IBGE como a taxa de desemprego e a renda média individual do trabalho são utilizados. Agora a PME é uma pesquisa domiciliar tal como a PNAD e pode ser usada enquanto tal. A avaliação das condições econômicas, em geral, deve levar em conta o processo de repartição das diversas rendas no bojo das famílias. Por exemplo, o fato da renda do trabalhador adulto poder beneficiar outros membros de sua família como as crianças. Nesse sentido, o conceito mais adequado para auferir o nível de bem-estar social seria a renda domiciliar *per capita* dos indivíduos, que corresponde à soma da renda de todas as pessoas dos domicílios dividido pelo número total de moradores. O conceito resume uma série de fatores operantes sobre os membros da família, tais como os níveis de ocupação e de rendimento, auferidos de maneira formal ou informal mas cujos efeitos sejam rateados pelo número total de moradores.

A utilização de dados da PME/IBGE em bases mensais para averiguarmos os determinantes da distribuição de renda do trabalho observados no Brasil. Os dados representam uma oportunidade privilegiada de olharmos em detalhe temporal os seus determinantes. É importante chamar a atenção para duas limitações deste dado, a saber: ele só cobre as seis áreas metropolitanas do Brasil, ele deixa de fora outras rendas não trabalho como as advindas de transferência governamentais de programas para pobres e de juros para os grupos com estoque de riqueza financeira. Trabalhamos agora com a idéia de distribuição de renda no sentido estatístico, incluindo tanto mudanças na desigualdade como alterações no crescimento da renda (domiciliar per capita — isto é, a soma da renda do trabalho de todos os membros dos domicílios dividido pelo número de membros).

Avaliação Regional da Renda

a. Mediana de Renda

Apresentamos a seguir a evolução da mediana de renda per capita do trabalho nas principais metrópoles brasileiras. Incidentalmente, a literatura sobre ciclos eleitorais trabalha com a figura do eleitor mediano que é quem ao fim e ao cabo decide as eleições. Como podemos observar, quando consideramos o período dos últimos quatro anos, todas as metrópoles apresentam crescimento na mediana de renda per capita do trabalho, ou seja, o nível de renda intermediário que divide a população em dois grupos de tamanhos populacionais iguais, os abaixo e acima da mediana, se encontra acima do nível inicial. Em todas as regiões a mediana cresce mais que a média, indicando que o crescimento foi acompanhado por redução da desigualdade. Mesmo aquelas regiões que tiveram redução na média de renda, há crescimento na renda mediana, o que indica mais uma vez ganhos de renda para as classes de rendas mais baixas e a popularidade do atual Presidente da República neste segmento. Os ganhos de renda mediana ao longo dos últimos quatro anos, está explicitada ano a ano na tabela abaixo:

Mediana de Renda do Trabalho

	jun/02	jun/03	jun/04	jun/05	jun/06
Todas as Regiões					
Belo Horizonte	153.22	151.29	169.92	188.21	213.89
Salvador	127.72	105.94	121.02	137.55	144.50
Porto Alegre	213.56	187.92	214.99	219.76	231.01
Rio de Janeiro	173.94	179.60	179.46	190.60	197.11
Recife	100.65	83.19	70.06	110.31	120.27
São Paulo	230.49	213.21	230.44	238.23	260.33

Varição (%) Mediana de Renda do Trabalho

	jun06/02	jun03/02	jun04/03	jun05/04	jun06/05
Todas as Regiões					
Belo Horizonte	39.60	-1.26	12.31	10.76	13.64
Salvador	13.14	-17.05	14.23	13.66	5.05
Porto Alegre	8.17	-12.01	14.41	2.22	5.12
Rio de Janeiro	13.32	3.25	-0.08	6.21	3.42
Recife	19.49	-17.35	-15.78	57.45	9.03
São Paulo	12.95	-7.50	8.08	3.38	9.28

Região metropolitana de São Paulo: mantendo os maiores níveis durante todo o período, teve um crescimento de 9,28% no último ano e de 12,95% no acumulado de quatro anos.

Região metropolitana de Recife: apesar do segundo maior crescimento, 19,49%, durante todo período, ainda é a região com nível mais baixo (R\$ 120,27 em junho de 2006). Mesmo com o ótimo desempenho entre 2004 e 2005, quando a renda cresce 57,45%, a região ainda se recupera, das fortes quedas de renda sofridas, em 2003 e 2004.

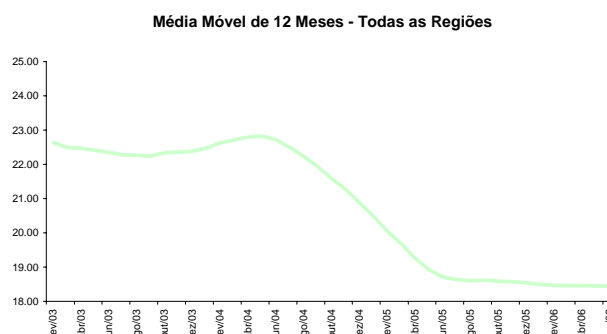
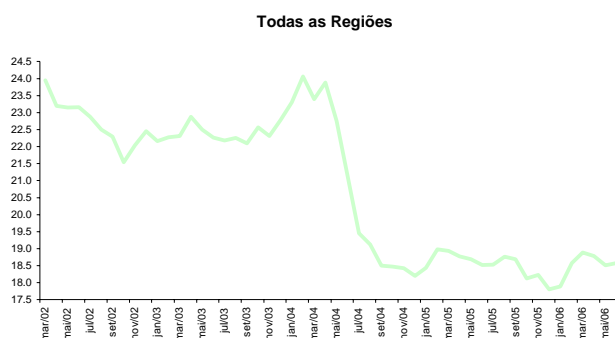
Região Metropolitana de Belo Horizonte: foi a que mais cresceu. Nos últimos 4 anos, a mediana de renda cresce 39,6% (de R\$ 153,22 para R\$ 213,89), o dobro da segunda colocada e ultrapassa a Região do Rio de Janeiro. A Região vem apresentando ao longo dos três últimos anos, crescimento acima de 10% (13,6% só no último ano). Mesmo entre junho de 2002 e 2003, com a forte queda na renda em todas as metrópoles, a região foi a que sofreu a segunda menor queda.

Região Metropolitana do Rio de Janeiro: apresentou aumento de 13,32% na renda mediana durante todo o período de análise.

Região Metropolitana de Porto Alegre: é a que apresenta o menor crescimento, de 8,17% (R\$ 213,56 para R\$ 231,01). Mesmo assim, a região continua com a segunda maior renda das seis metrópoles, só perde para São Paulo.

2. Evolução da Miséria

Em 4 anos, taxa de miséria baseada em renda do trabalho cai 19,8% (de 23,2% para 18,57%). A maior queda se deu entre junho de 2004 e junho de 2005 (12,28%). No último ano houve aumento de 0,29% na taxa.



Assim como nas medidas de renda, a **Região Metropolitana de São Paulo** possui o melhor índice (15,58% em junho de 2006) e a **Região Metropolitana de Belo Horizonte** possui o melhor desempenho do período. Com redução de 37,69% da taxa, foi a única que apresentou queda nos 4 anos de análise (13,47% de queda só no último ano). **A Região Metropolitana do Rio de Janeiro** apresenta a segunda maior queda do período, 26,06%. No extremo oposto, **Porto Alegre**, obteve a menor redução, apenas 5,63%. Com taxa de 18,70% em junho de 2006, perde espaço para Belo Horizonte.

Miséria

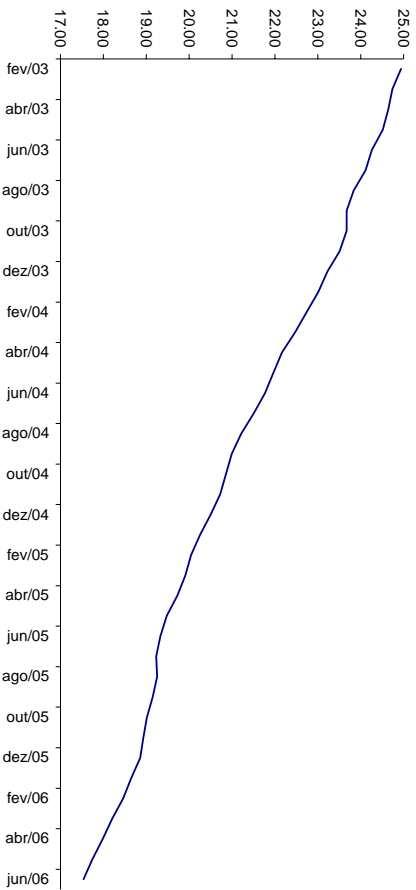
	jun/02	jun/03	jun/04	jun/05	jun/06
Todas as Regiões	23.16	22.27	21.11	18.52	18.57
Belo Horizonte	26.03	22.96	20.60	18.74	16.22
Salvador	26.40	30.40	25.58	21.34	21.04
Porto Alegre	19.82	22.33	18.52	18.36	18.70
Rio de Janeiro	27.49	21.73	22.08	19.80	20.33
Recife	33.86	37.40	43.37	28.01	29.48
São Paulo	17.84	18.15	16.21	15.43	15.58

Varição (%) da Miséria

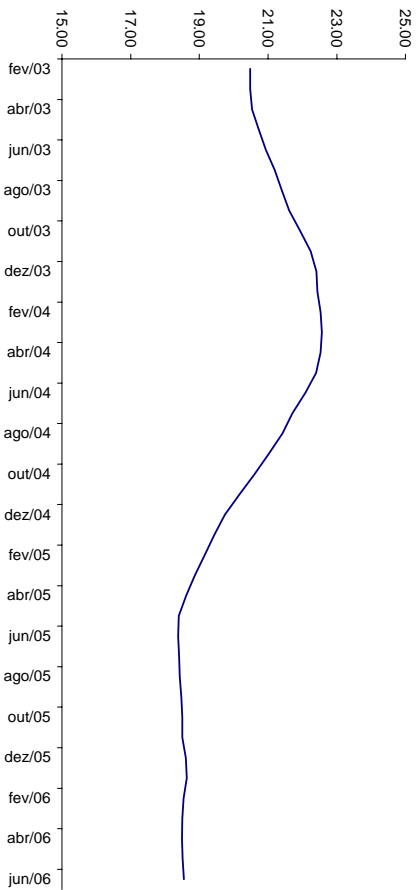
	jun06/02	jun03/02	jun04/03	jun05/04	jun06/05
Todas as Regiões	-19.80	-3.83	-5.21	-12.28	0.29
Belo Horizonte	-37.69	-11.79	-10.29	-9.01	-13.47
Salvador	-20.28	15.16	-15.86	-16.55	-1.41
Porto Alegre	-5.63	12.70	-17.08	-0.87	1.87
Rio de Janeiro	-26.06	-20.96	1.61	-10.34	2.68
Recife	-12.94	10.47	15.97	-35.42	5.24
São Paulo	-12.66	1.72	-10.66	-4.85	1.02

MÉDIA MÓVEL DE 12 MESES

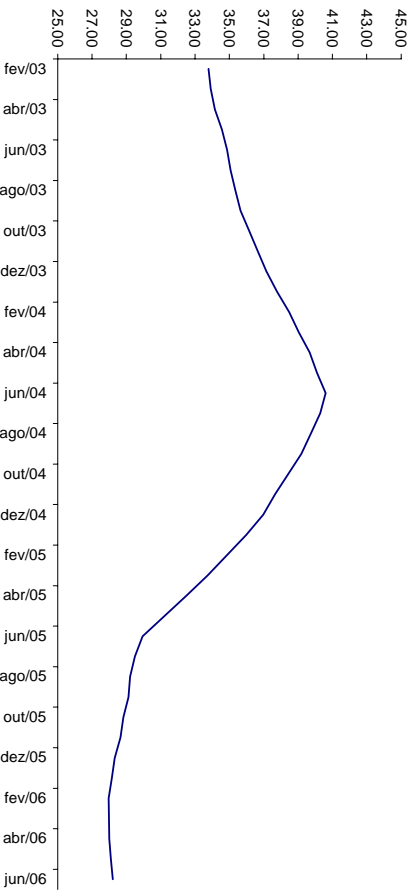
Belo Horizonte



Porto Alegre

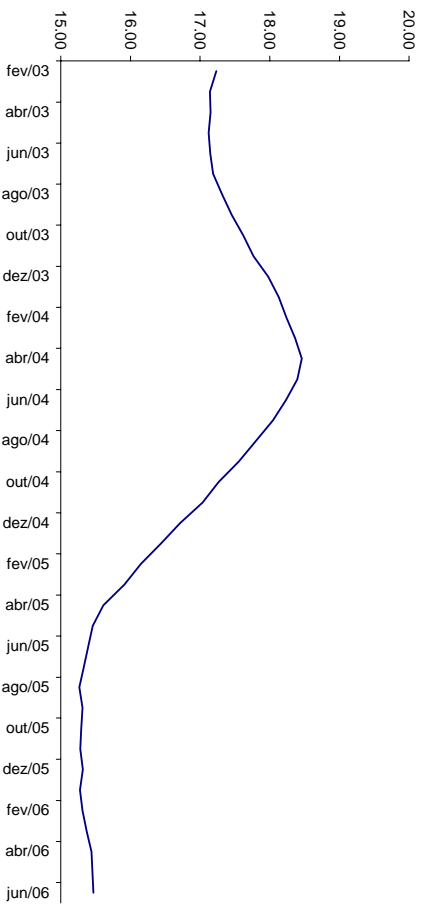


Recife

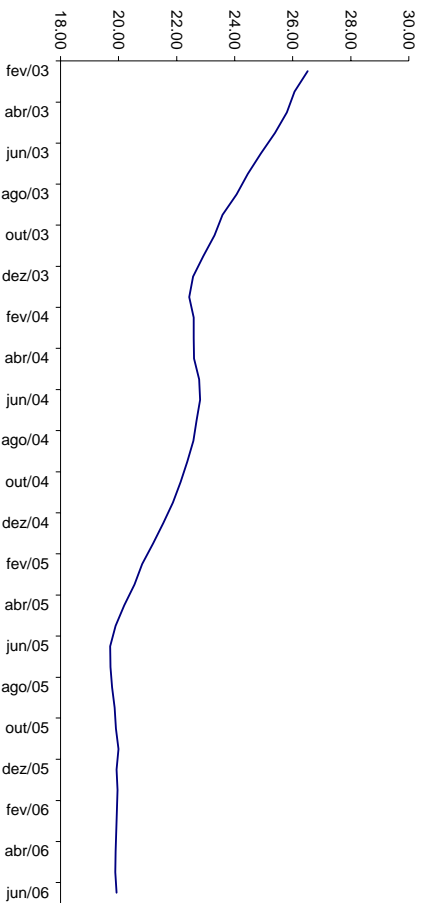


MÉDIA MÓVEL DE 12 MESES

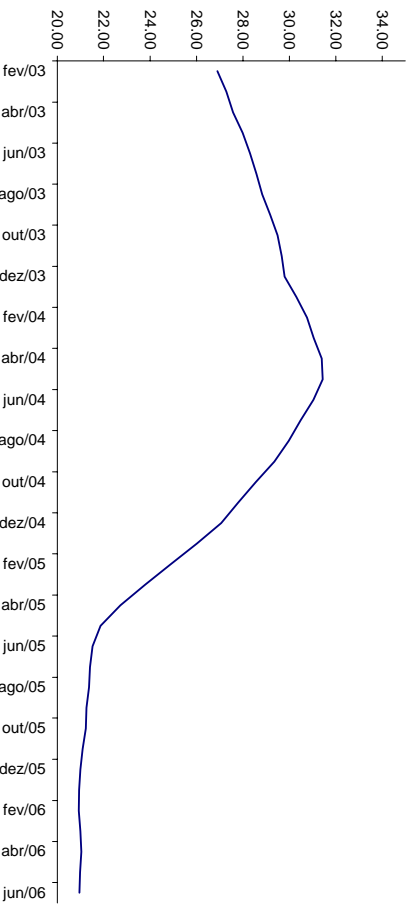
São Paulo

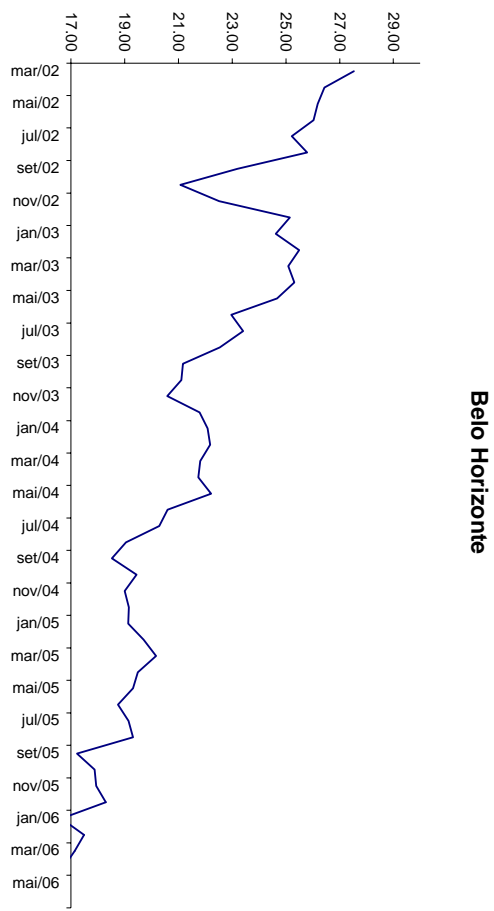
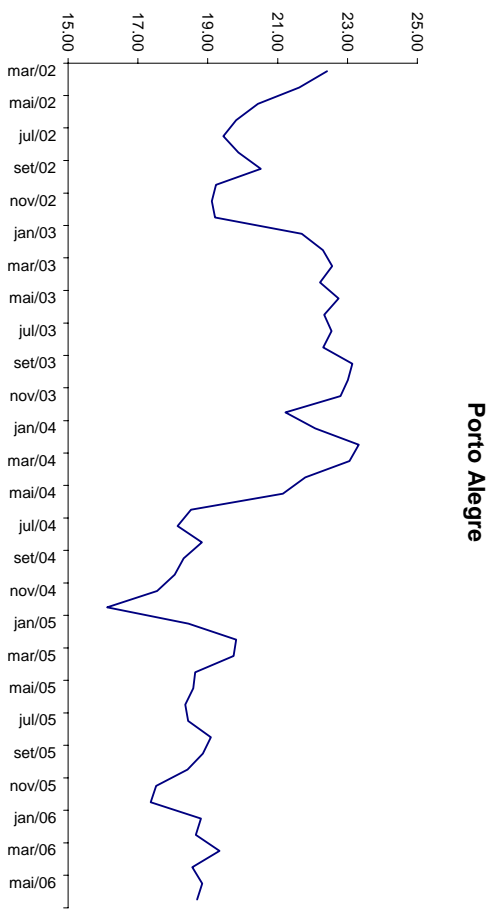
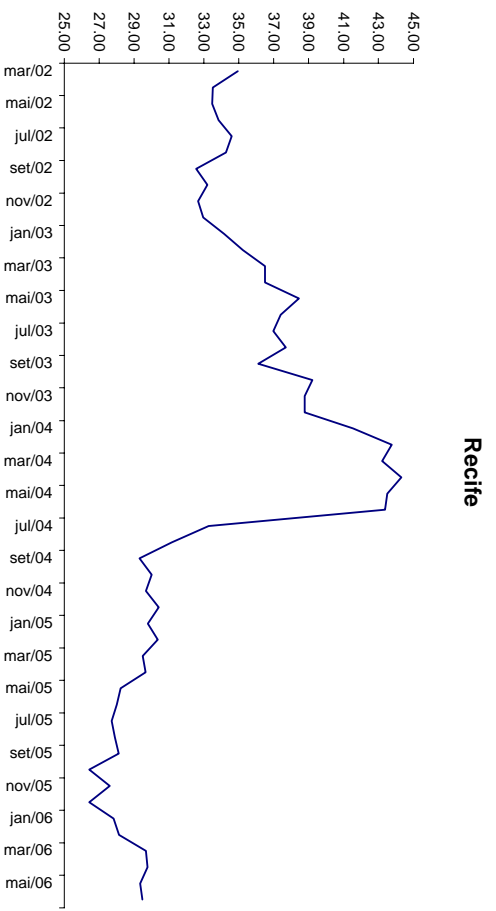


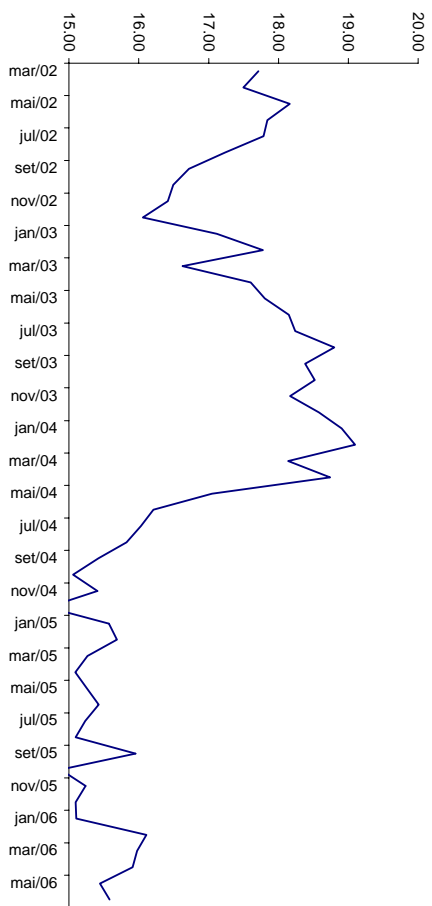
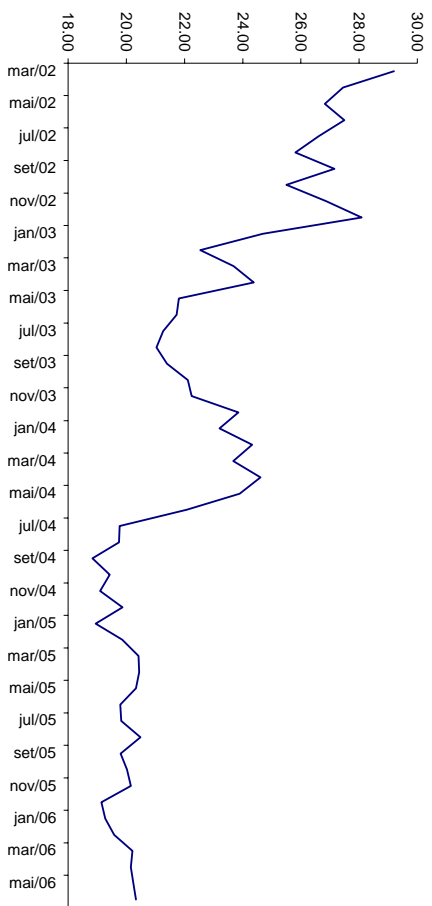
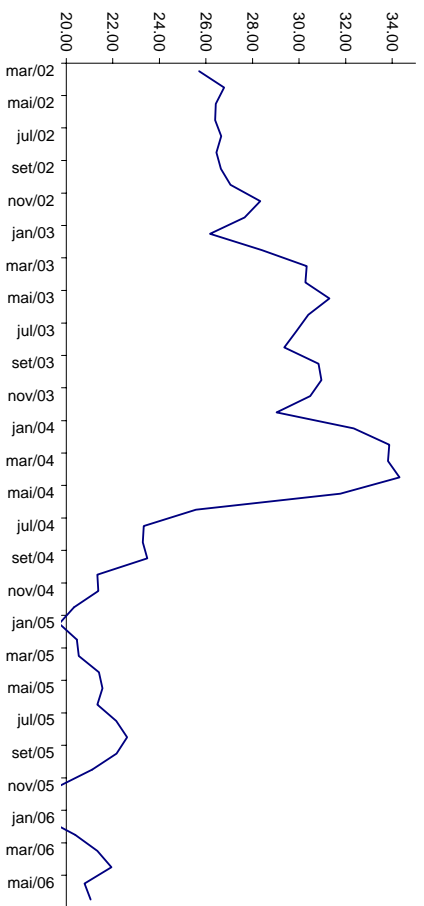
Rio de Janeiro



Salvador



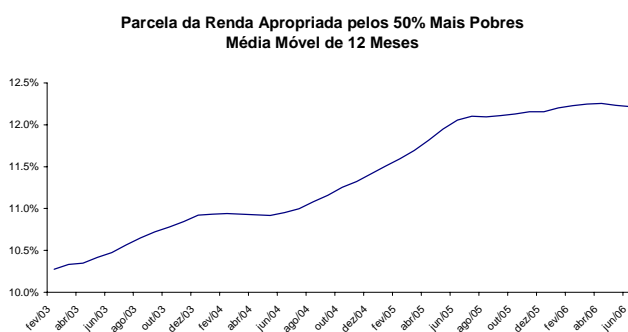
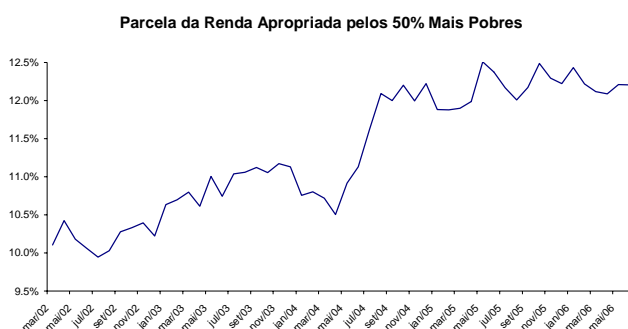




Mudanças do Bolo Trabalhista

“De 2002 a 2006, a participação dos 50 % mais pobres no total da renda aumentou de 9.95% para 12.2%, enquanto a parcela apropriada pelos 10% mais ricos cai de 50,2% para 46,89%.”

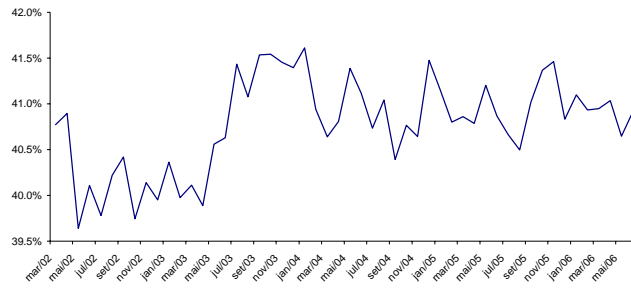
A principal característica da abordagem aqui utilizada é o seu nível de desagregação com três grupos de renda: o décimo mais rico que se apropria de quase metade da renda per capita (mais precisamente, 50,2% pela PME em Julho de 2002); a metade mais pobre que se apropriava de pouco menos de um décimo da renda nacional (9,95%); e os 40% intermediários cuja parcela na população e na renda praticamente coincide (39,78%), constituindo um país de renda média, uma espécie de Peru, inserido entre a rica Bélgica e a pobre Índia¹. Os gráficos abaixo apresentam as tendências destas séries.



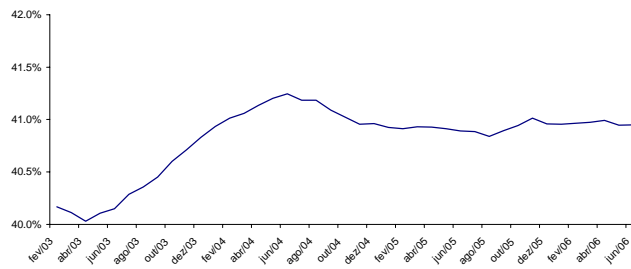
Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados da PME/IBGE

¹ Neste aspecto a distribuição de renda do trabalho metropolitana da PME é algo mais concentrada do que a da PNAD nacional de todas as fontes de rendimentos. O crescimento da Índia do período recente (9.3% no primeiro trimestre de 1996) é algo de causar inveja a brasileiros e haitianos.

Parcela da Renda Apropriada pelos 40% Intermediários

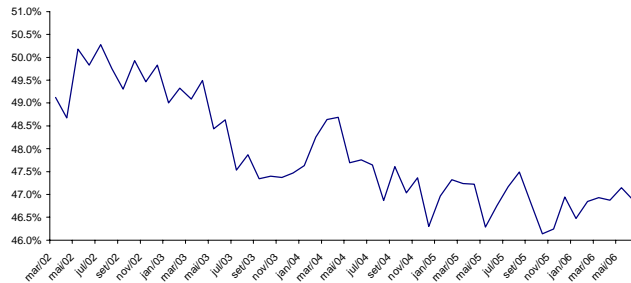


**Parcela da Renda Apropriada pelos 40% Intermediários
Média Móvel de 12 Meses**

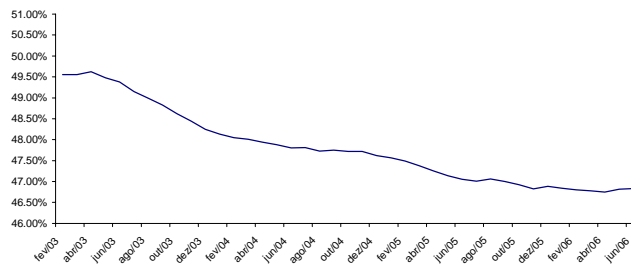


Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados da PME/IBGE

Parcela da Renda Apropriada pelos 10% Mais Ricos



**Parcela da Renda Apropriada pelos 10% Mais Ricos
Média Móvel de 12 Meses**



Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados da PME/IBGE

Os dados da parcela de renda apropriada pelos três grupos analisados indicam que a grande queda de desigualdade de 2004, ocorreu entre maio e setembro daquele ano. Antes de creditarmos ao reajuste do salário mínimo as mudanças, cabe lembrar que ele foi bastante reduzido em termos reais, portanto parece foram outros fatores fora o efeito-salário mínimo que geraram a redução da desigualdade de renda em 2004. Complementarmente, a série mensal demonstra que o reajuste de 9% real dado em Maio de 2005 ao salário mínimo e de cerca de 13% real concedido em Abril de 2006 fornece evidências relevantes. Para aqueles que presenciaram os efeitos dos reajustes do salário mínimo de outras datas como o de Maio de 1995 sobre dados similares, os resultados são desapontadores – a série de desigualdade de renda per capita do trabalho não sofre alterações permanentes próximos ao período de reajuste. Portanto, no que tange ao lado trabalhista dos efeitos do salário mínimo o reajuste mais forte concedido em 2006 parece não ter impactado as séries. O balanço dos possíveis efeitos positivos do mínimo sobre o salário de quem mantém o posto de trabalho parece ter sido cancelado em 2005 e em 2006 pelos efeitos negativos, exercidos pelo mínimo sobre desemprego e informalidade. Uma conjectura é que o ganho de mais de cerca de 75% concedido entre 1995 e 2003 tenha aumentado a efetividade do salário mínimo, fazendo com que ele esteja próximo dos valores que tenham impacto líquido favorável de queda da pobreza trabalhista. Em outras palavras, talvez estejamos próximos do valor máximo do mínimo em termos de impactos favoráveis na pobreza sob a ótica trabalhista.

Se olharmos as flutuações econômicas dos últimos anos, segundo a perspectiva destes três grupos de renda: a partir de julho de 2002, vemos que dois anos depois (em outubro de 2004), a participação dos 50% mais pobres no total da renda aumentou em 20% (de 9,95% para 12%), enquanto a parcela apropriada pelos 10% mais ricos cai (de 50,28% para 47,17%). O grupo intermediário aumenta pouco passa de 39,78% para 40,73%, voltando aos níveis de março de 2002, início da série da nova PME. Agora analisando junho de 2006 em relação a Julho de 2004, os mais pobres não ganham mais espaço em relação ao ano anterior (11.62% para 12.2%) mas mesmo assim a participação dos mais ricos continua caindo (de 47,65% para 46.89%). Esse período é apenas ligeiramente pró-pobre e anti-elite, o grupo intermediário, uma espécie de classe média cuja participação praticamente para de crescer, (passam de 40,73% para 40,91%).

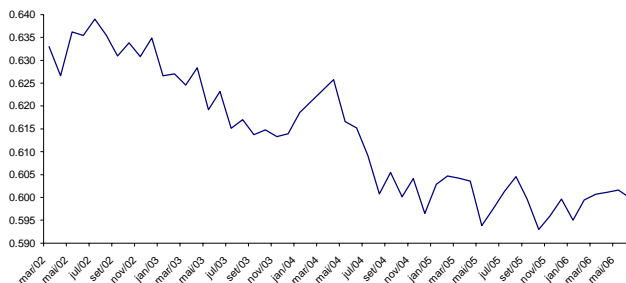
Participação (%) no Total da Renda

		50 -	40	10 +
2002	Março	10.11%	40.77%	49.12%
2002	Abril	10.43%	40.89%	48.68%
2002	Julho	9.95%	39.78%	50.28%
2003	Abril	10.61%	39.89%	49.50%
2003	Julho	11.03%	41.43%	47.53%
2004	Abril	10.50%	40.81%	48.69%
2004	Julho	11.62%	40.73%	47.65%
2005	Abril	11.99%	40.79%	47.23%
2005	Julho	12.17%	40.67%	47.17%
2006	Março	12.12%	40.95%	46.93%
2006	Junho	12.20%	40.91%	46.89%

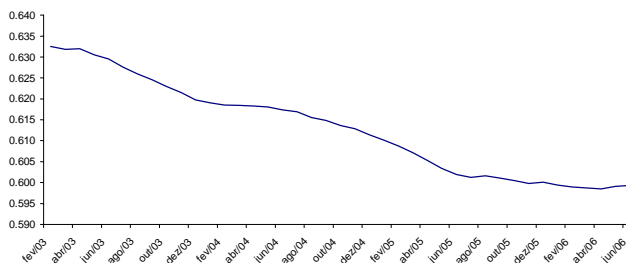
Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados da PME/IBGE

A trajetória do Índice de Gini apesar de descendente sofre forte desaceleração nos anos de 2005 e de 2006. Cabe lembrar que renda do trabalho foi responsável por 72% da grande queda de desigualdade observada em 2004 mas que no período recente devemos computar os impactos da expansão do Bolsa-família e dos próprios benefícios previdenciários associados aos reajustes do salário mínimo.

Evolução da Desigualdade - Índice de Gini



Evolução da Desigualdade - Índice de Gini
Média Móvel de 12 Meses



Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados da PME/IBGE

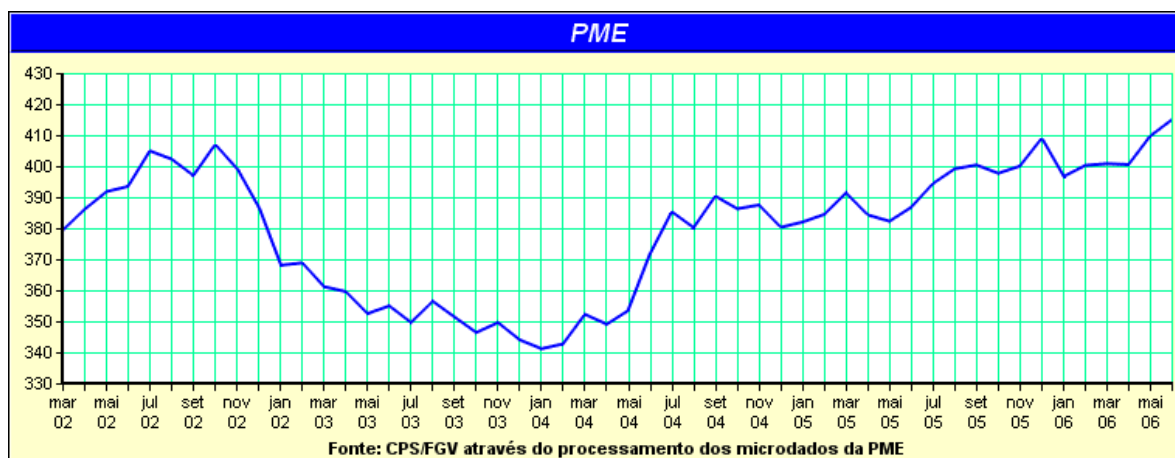
			RENDA	THEIL_T	GINI
mar/02	2002	Março	252.61	0.836	0.633
abr/02	2002	Abril	257.76	0.793	0.627
jul/02	2002	Julho	272.86	0.834	0.639
abr/03	2003	Abril	283.31	0.809	0.628
jul/03	2003	Julho	281.10	0.752	0.615
abr/04	2004	Abril	290.85	0.791	0.626
jul/04	2004	Julho	326.09	0.745	0.609
abr/05	2005	Abril	345.17	0.749	0.604
jul/05	2005	Julho	356.73	0.745	0.601
mar/06	2006	Março	371.41	0.739	0.601
jun/06	2006	Junho	383.78	0.734	0.600

Fonte: CPS/IBRE/FGV a partir dos microdados da PME/IBGE

Panorama da Evolução Regional da Renda

Média de Renda

Em quatro anos, observamos crescimento real de 5,5% de renda, que atinge o maior nível de toda série, em junho de 2006 (R\$ 415,00). Entre os anos 2003 e 2004, observamos os menores níveis de renda e isso se reflete em todas as metrópoles que podem ser analisadas separadamente em http://www4.fgv.br/cps/simulador/PME2/index_com_Grupo.htm.



Região metropolitana de São Paulo: A Região metropolitana de São Paulo manteve os maiores níveis de renda per capita, durante todo período. Só no último ano, a renda real da Região cresceu 7,16%. Com média de R\$ 503,16, em junho de 2006, sua renda é quase 90% acima da Região de Recife (R\$ 266,64)

Região metropolitana de Recife: apesar do segundo maior crescimento, quase 10% na renda durante todo período, ainda é a região com nível mais baixo (R\$ 266,64 em junho de 2006). Mesmo com o ótimo desempenho nos dois últimos anos (32% e 15,8% de aumentos de renda), a região ainda se recupera, das fortes quedas de renda sofridas, em 2003 e 2004.

Região Metropolitana de Belo Horizonte: foi a que mais cresceu. Nos últimos 4 anos, a renda real média cresceu 22,5% (de R\$ 320,55 para R\$ 392,56) e ultrapassou a Região do Rio de Janeiro. A Região vem apresentando ao longo dos anos, crescimento crescente. Mesmo entre junho de 2002 e 2003, com a forte queda na renda em todas as metrópoles, a região foi a que apresentou a menor queda.

Região Metropolitana do Rio de Janeiro: apresentou queda de 1% na renda durante todo o período de análise, mesmo com o acréscimo de 6,9% no último ano.

Região Metropolitana de Porto Alegre: é a que apresenta a maior perda, de 7% real (R\$ 424 para R\$ 393,65). Apesar da queda, impulsionada por perda das classes mais altas, a região continua com a segunda maior renda das seis metrópoles, só perde para São Paulo.

Renda Média do Trabalho

	jun/02	jun/03	jun/04	jun/05	jun/06
Todas as Regiões	393.47	354.93	371.61	386.73	415.04
Belo Horizonte	320.55	312.62	331.70	356.21	392.56
Salvador	286.40	241.28	264.53	279.97	296.02
Porto Alegre	424.31	345.11	383.18	384.23	393.65
Rio de Janeiro	371.81	343.09	336.02	344.03	367.78
Recife	242.74	212.58	174.38	230.20	266.64
São Paulo	465.91	421.71	457.21	469.54	503.16

Varição (%) Renda Média do Trabalho

	jun06/02	jun03/02	jun04/03	jun05/04	jun06/05
Todas as Regiões	5.48	-9.79	4.70	4.07	7.32
Belo Horizonte	22.46	-2.47	6.10	7.39	10.20
Salvador	3.36	-15.75	9.64	5.84	5.73
Porto Alegre	-7.23	-18.67	11.03	0.27	2.45
Rio de Janeiro	-1.08	-7.72	-2.06	2.38	6.90
Recife	9.85	-12.42	-17.97	32.01	15.83
São Paulo	8.00	-9.49	8.42	2.70	7.16

Evolução da Renda entre Grupos

No Panorama da Evolução Mensal da Renda podemos ver as variações de média e mediana de renda para cada Região Metropolitana por diferentes grupos de renda cruzando com as características da população. Os grupos de renda estão divididos entre os 50% mais pobres, os 40% intermediários e os 10% mais ricos que leva em conta a distribuição de renda nacional². As informações estão disponíveis através de tabelas que sintetizam as informações em colunas semestrais e gráficos que mostram a evolução mensais desses indicadores.

² Os três grupos de renda foram divididos de acordo com a renda nacional.

O ganho de renda foi mais pronunciado entre os mais pobres. A média de renda do trabalho dos 50% mais pobres foi acrescida em 29,5%. Em todas as Regiões, houve ganho real de pelo menos 20% da renda. Com 22%, de acréscimo, a Região Metropolitana de Recife foi a que menos cresceu, enquanto que em Belo Horizonte, os mais pobres tiveram sua renda acrescida em 40,38% real.

Brasil: *Regiões metropolitanas*

50% mais pobres da RDPC Habitual - Média									
População Total									
Categoria	Mar/02- Jun/02	Jul/02- Dez/02	Jan/03- Jun/03	Jul/03- Dez/03	Jan/04- Jun/04	Jul/04- Dez/04	Jan/05- Jun/05	Jul/05- Dez/05	Jan/06- Jun/06
Total	59.49	62.21	58.62	59.18	57.67	74.18	73.51	77.77	77.03

O grupo dos 40% intermediários (classe média) teve 7,75% de ganho real de renda. Em Recife, o ganho foi de 11,6%, enquanto que a classe média da Região Metropolitana do Rio teve aumento de 5,17% de renda proveniente do trabalho.

Brasil: *Regiões metropolitanas*

40% intermediários da RDPC Habitual - Média									
População Total									
Categoria	Mar/02- Jun/02	Jul/02- Dez/02	Jan/03- Jun/03	Jul/03- Dez/03	Jan/04- Jun/04	Jul/04- Dez/04	Jan/05- Jun/05	Jul/05- Dez/05	Jan/06- Jun/06
Total	342.16	353.84	319.59	321.67	321.85	353.87	353.82	366.7	368.69

Os 10% mais ricos ficaram com a menor variação de renda, 1,18% no total. A Região Metropolitana de Porto Alegre foi a única que apresentou queda de renda.

Brasil: *Regiões metropolitanas*

10% mais ricos da RDPC Habitual - Média									
População Total									
Categoria	Mar/02- Jun/02	Jul/02- Dez/02	Jan/03- Jun/03	Jul/03- Dez/03	Jan/04- Jun/04	Jul/04- Dez/04	Jan/05- Jun/05	Jul/05- Dez/05	Jan/06- Jun/06
Total	1775.23	1866.42	1666.61	1575.44	1610.87	1747.02	1733.08	1775.94	1796.23

Panorama da Evolução Mensal da Renda

Esta ferramenta é utilizada para comparar a evolução de renda domiciliar per capita proveniente do trabalho, de acordo com cada região e grupos populacionais.

Passos para a utilização do Panorama:

1- Selecione a Região a ser observada


2- Em seguida selecione o grupo populacional (total, 50% mais pobres, 40% intermediários e 10% mais ricos). E tipo de análise (mediana; média de renda domiciliar per capita; ou composição vertical da população).

3- Dentre as 3 divisões de características (demográficas, sócio-econômicas e espaciais) selecione as que deseja visualizar simultaneamente

3- Clique em Gerar Tabelas.

4- Para cada tabela gerada é possível gerar um gráfico com os resultados apresentados. Basta clicar no botão Gráfico no canto inferior direito de cada tabela.

Evolução da Renda Mensal



Região: Brasil

Análise: População Total - Média Habitual

Gerar tabelas Limpar seleção Selecionar todas

Características Demográficas

<input checked="" type="checkbox"/> População Total	<input type="checkbox"/> Sexo	<input type="checkbox"/> Raça
<input type="checkbox"/> Idade	<input type="checkbox"/> Escolaridade	<input type="checkbox"/> Posição na Família
<input type="checkbox"/> Número de pessoas no domicílio		

Características Demográficas

<input checked="" type="checkbox"/> População Total	<input type="checkbox"/> Sexo	<input type="checkbox"/> Raça
<input type="checkbox"/> Idade	<input type="checkbox"/> Escolaridade	<input type="checkbox"/> Posição na Família
<input type="checkbox"/> Número de pessoas no domicílio		

Características Sócio-Econômicas

<input type="checkbox"/> Contribui para a Previdência	<input type="checkbox"/> Posição na Ocupação	<input type="checkbox"/> Membro de Cooperativa
<input type="checkbox"/> Tamanho da Empresa	<input type="checkbox"/> Frequenta ou Frequentou Algum Curso de Qualificação Profissional	<input type="checkbox"/> Jornada (Horas Efetivas)
<input type="checkbox"/> Tempo de Empresa		

Características Espaciais

Região Metropolitana

Gerar tabelas Limpar seleção Selecionar todas